

Imperfeições

João Pedro Aido

Teresa Vieira Cunha

O filme *Sonata de Outono*, de Ingmar Bergman, confronta o sofrimento e a revolta entre uma mãe e uma filha em poderosos e tensos grandes planos que colocam a câmara cinematográfica numa relação próxima à da música de câmara (recorde-se que a mãe, Charlotte / Ingrid Bergman, é uma pianista consagrada, e que a filha, Eva / Liv Ullmann, é uma pianista *imperfeita*). O próprio Ingmar Bergman refere que o filme é como “uma sonata de câmara tocada por quatro instrumentos, com a linha melódica desenvolvendo-se em parada e resposta entre Eva e Charlotte e o ‘contínuo’ a ser executado por Viktor, o marido de Eva, ou por Helena, a irmã distrófica [a atriz Lena Nyman]” (Gado, Frank (1986). *The Passion of Ingmar Bergman*. Durham: Duke University Press, *apud* Bénard da Costa, João (2018). *Escritos sobre cinema*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa, tomo I, 1.º vol., pp. 332-333). Viktor é aquele que está e não está, que só está realmente presente quando Eva não está e que, numa cena inicial, olhando para nós, diz, citando a mulher, escritora e jornalista, que “Devemos aprender a viver. Eu [Viktor é um pastor protestante] treino-me todos os dias. O mais importante na vida é saber quem somos. Eu quero saber quem sou.” E que Eva saiba que é amada profundamente, dirá logo a seguir. É esta incerteza, dilacerada pela irrupção da presença de Charlotte, que não via as filhas há sete anos, que marca a *felicidade imperfeita* da vida de um casal em cuja casa se ouve, “em parada e resposta”, a presença de uma ausência – vista nessa tristeza infinita que atravessa o rosto de Liv Ullmann num grande plano inicial depois de termos visto um céu com nuvens numa pintura abstrata, a carta que Eva está a escrever à mãe ausente e a presença de um livro com crianças, sinal da ausência de Erik, o filho do casal que morreu afogado aos quatro anos. Outra das mais fortes ausências, perante a força avassaladora de Charlotte, é a presença da filha “distrófica”, que a mãe tudo fez para esquecer. E quando Charlotte visita o “monstro” instala-se uma inquietante destruição da segurança da mãe, ‘perdida na tradução’ dos sons guturais da filha anormal – e é Eva quem traduz esses sons, antecipando a sua transformação sublime, de ‘pobre coitada em vampiro insaciável’, como dirá Bénard da Costa (*id.*, p. 335). Eva procura saber quem é, já sabíamos, mas é sobre o *amor imperfeito da mãe* que fala quando lhe diz que “emocionalmente, és um monstro”. Parece odiá-la, como se a desgraça da filha fosse o triunfo da mãe, dirá ela, mas mais tarde acabará por lhe escrever pedindo desculpa por aquela noite terrível, *em que finalmente se instalou a presença de quem sabe quem é*, e dirá que ‘todo o ódio era, finalmente, um sentimento extinto’.

Mas antes desse momento já Liv Ullmann tinha tocado para a mãe, pianista perfeita, o segundo dos prelúdios de Chopin – e se, num grande plano célebre, podemos ver a alma de Charlotte, oscilando entre a ternura, a distração, o enfado, a irritação, a maldade, alguma superioridade, alguma ironia, alguma exasperação, algum amor, algum ódio (parafraseando Bénard da Costa – *id.*, p. 336), essa parada e resposta da câmara, desta música de câmara cinematográfica, concentra-se depois do rosto desfeito de Eva, na infinita desilusão perante a perfeição com que a mãe toca a mesma peça, depois de uma extraordinária interpretação do que Chopin *tinha querido dizer*. Este é, provavelmente, o momento mais sublime de um filme extraordinário: mostrar no rosto de uma atriz extraordinária como a perfeição pode ser dececionante e como nesse rosto se pode concentrar a imperfeição da vida.

Certamente que chamar-se Eva não terá sido por acaso. Eva é o símbolo da imperfeição – a primeira mulher ‘imperfeita’, depois da queda original. O mal está em nós – e é desse mal que Charlotte parece fugir na cena final, quando Ingrid Bergman se encosta “no comboio ao seu último amante («o único amigo que me resta») e desaparecem na sombra de um túnel” (*id.*, *ibid.*). A vida só pode ser imperfeita, é disso que fala Platão na célebre alegoria, quando diz a Gláucon (Platão (1980). *A República*, trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Livro VII, 514a e 515b, pp. 317-318): “Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância”, obrigados a “permanecer no mesmo lugar e olhar em frente”, “incapazes de voltar a cabeça”. E pergunta: “Em primeiro lugar, pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmos e dos outros, algo mais que as sombras projetadas pelo fogo na parede oposta da caverna?”

P

Parada e resposta entre Platão e Bergman: desaparecer na sombra de um túnel, de uma caverna. Descobrir quem somos no amor imperfeito de uma mãe, na vida imperfeita que vivemos. Sobre o trabalho do ator, diz Jorge Silva Melo (*Público / Ípsilon*, 8 de março de 2019, p. 27): “O ator precisa de um lado tosco, imperfeito, porque a vida é imperfeita” – por isso, acrescenta, mete-lhe medo a perfeição de Daniel Day-Lewis. Também Ulisses, no conto “A Perfeição”, de Eça (*Contos*, s/ data, Lisboa: Livros do Brasil, p. 244), recusa a generosa e bela Calipso, os ricos presentes, os amorosos cuidados, as comidas mais sãs e mais finas da Terra, a serenidade mais sublime, a ausência de morte, e parte para rever a mortal Penélope, dizendo à deusa que “o irreparável e supremo mal está na tua perfeição” – e, “através da vaga, fugiu, trepou sofregamente a jangada” e “partiu para os trabalhos, para as tormentas, para as misérias – para a delícia das coisas imperfeitas”.

Deste indelével vínculo de imperfeição inerente à condição humana nos dá conta Sophia de Mello Breyner Andresen: «As flores, as manhãs, o vento, o mar/Não podem embalar a minha vida./Imperfeita não posso comungar/Na perfeição aos deuses oferecida.» [Andresen, Sophia (2005). *Dia do mar*. Lisboa: Editorial Caminho, p. 81]

Completando-se, no presente ano, o centenário do nascimento da escritora, não poderíamos deixar de evocar a efeméride neste número que agora se publica. Maria Andresen escreveria após a morte de sua mãe: «Para trás ficou a cidade – a cidade estuário,/ a cidade azul criada pelo rio, a cidade olhada,/ percorrida, no bater do coração de tanto verão// amarga e amada e na tarde da terra o trabalho/ avança, contigo para o sem-nome da distância,/ solitária e azul.» (*Jornal de Letras*, 15 de julho de 2004)

É através de janelas entreabertas que, no «Cânone Acidental», deixamos convite a um olhar virado ao estuário da ‘cidade azul’ - a perspectiva é a de alunos de diversos anos de escolaridade, provenientes de diversas escolas que, nas aulas de Português, selecionaram os excertos.

Pretendendo esbater imperfeições, a presente publicação é dedicada à escrita e à leitura: Joana Letras, Alfredo Dias e Otilia de Sousa apresentam um estudo interdisciplinar acerca do resumo de textos narrativos e expositivos, salientando a estratégia de compreensão inerente a esta prática, bem como a importância alargada do resumo a várias disciplinas do currículo; Vera Wannmacher Pereira, Danielle Baretta e Patrícia Martins Valente tratam da aprendizagem inicial da leitura com recurso a tecnologias múltiplas, com foco na compreensão leitora e na consciência linguística de alunos do 2.º ano; Inês Cardoso, Célia da Graça Lopes, Luísa Álvares Pereira e José Ferreira divulgam um texto resultante de um inquérito a nível nacional a alunos em ano terminal de cada ciclo – o estudo é sobre a relação com a escrita ao longo da escolaridade ; Luís Barbeiro aprofunda a questão das palavras que vão sendo eliminadas, como forma de apreender o processo de evolução da escrita ao longo da escolaridade; Ângela Naschold, António Pereira, André Pinho e João Alchieri divulgam os resultados de uma pesquisa sobre neurociências da leitura e a educação infantil; Marly Amarilha destaca aspetos primordiais da didática da leitura, incidindo na importância da literatura de tradição oral enquanto estratégia motivadora; igualmente com vista à formação de leitores nos anos iniciais de escolaridade, Verónica Pontes e Hilma Silva apresentam uma leitura do conto infantil «Felicidade Clandestina» de Clarice Lispector.

Na entrevista, Emilio Sanchez Miguel refere como nos convertemos em leitores competentes, referindo a importância de serem, cada vez mais cedo, definidas estratégias com vista a apoiar aos alunos menos estimulados fora da escola.

O presente número aponta percursos através da obra de Sophia, e divulga práticas tendentes a melhorar o desempenho dos alunos na leitura e na escrita, lembrando a permanente tensão entre aquilo que nos limita e o que pretendemos superar: «Adoramos a perfeição, porque a não podemos ter; repugná-la-íamos se a tivéssemos. O perfeito é o desumano porque o humano é imperfeito» [Soares, Bernardo (1982). *Livro do desassossego*. Lisboa: Ática, vol. 2, p. 140]